

ENTREVISTA

ENTREVISTA

AUGUSTO DE CAMPOS À REVISTA MAGMA

(maio de 2010)

Magma. No “NÃOfácio” de seu último livro *Não Poemas* você escreve: “Às vezes penso que sou menos poeta que músico e menos músico que artista gráfico. (...) O fato é que estes poemas caberiam melhor talvez numa exposição, propostos como quadros, do que num livro. Mas o livro, mesmo bombardeado pelos novos meios tecnológicos, é uma embalagem inelutável, ainda mais para os guetos e guerrilhas da poesia e suas surdas investidas catacumbicas”. Você poderia desdobrar um pouco mais essas afirmações? Em que medida seus poemas rompem com o suporte livro e em que medida eles o conservam? Como a estratégia do “menos” – menos música, menos artista gráfico, menos poeta – é revertida em “mais”?

Augusto de Campos. O último poema do livro, “Axel’s Site”, remete a poesia aos computadores. Mas só na quarta-capa, como a sair do livro, aparece de fato o poema final, “Sem Saída”, que reproduz a imagem de um poema-animado, um “clip-poema” criado já no contexto da linguagem digital e a partir dela. Anexo ao livro há um CDR, com vários dos meus “clips”, inclusive o “Sem Saída”. O texto do meu “NÃOfácio” e esse material sinalizam para os problemas da comunicação poética na era tecnológica, antecipados pelo projeto “verbivocovisual” da poesia concreta nos anos 50, e apontam para poéticas com envolvimento multidisciplinar. O “menos” faz parte de um idioleto, com que procuro expressar minha oposição às poéticas convencionais. Mas sou otimista quanto ao suporte livro. Acho que pode conviver perfeitamente com a tecnologia digital e até beneficiar-se dela em termos de autonomia criativa, qualidade e reprodutibilidade. Quanto ao “mais”, não depende de mim. Só o tempo dirá se fui “mais” ou “menos”...

Magma. A negatividade de muitos de seus poemas, em especial o poema “Não” contrasta com a positividade da existência dos mesmos, ainda mais sob a rubrica de poesia. Seria esse artifício uma estratégia em prol da guerrilha que você menciona? Quais são os adversários dessa guerrilha? Há ainda algum potencial nas investidas da poesia?

Augusto de Campos. Tendo a ver a poesia como um anticorpo ou um corpo estranho, que contesta a automatização da linguagem cotidiana. Contesta-a não com a pretensão de substituí-la ou destruí-la, mas para criar espaços de liberdade para a imaginação humana, momentos-luz em que a expressão humana pode liberar-se das amarras que a constroem ao código contratual. Contesta-a para ressensibilizar as pessoas, embotadas pela preguiça e pela padronização repetitiva a

que as submete a comunicação de massa. Alguém tem de criar esses espaços que quase já não existem mais. Esse é papel do poeta, voz minoritária, marginalizada em “reservas” ou “guetos”, mas resgatada hoje pela internet, que reúne e multiplica os “catacumbicos”, quebrando as regras do jogo, e ensejando o que chamo de “comunicação interguêtica”, nos seus blogs e sites de poesia e literatura. A mais completa antologia de poesia moderna é o “site” <www.ubu.com>, dirigido pelo poeta americano Kenneth Goldsmith.

Magma. Após a des-, a não-, a menos- poesia, haveria ainda espaço de distanciamento com relação a ela? Ou a tentativa de esboçar esses espaços, esses lugares de negação, de oposição e de subtração são próprios da poesia, em sua luta constante por preenchê-los?

Augusto de Campos. Acho que a resposta à pergunta anterior de alguma forma já responde a esta. Esses lugares de negação, de oposição, etc., são para mim o lugar do poeta sem-lugar, que, pela própria marginalidade da poesia e seu inexpressivo valor de troca, tem condições de associar, mais do que qualquer outra arte, a ética e a estética.

Magma. No campo literário brasileiro foi frequente a acusação de leviandade ou deslumbramento juvenil aos pensadores que se “arriscaram” a contestar a tradição instaurada como nacional e detentora de maior capital simbólico, a saber, a corrente alinhada ao referencial teórico do materialismo dialético. O rechaço a certos paradigmas estrangeiros parecia indicar que as ideias têm valor por sua origem, e não pelo seu efetivo potencial crítico. Você considera que tal estado de coisas ainda se mantém nos dias de hoje?

Augusto de Campos. Feliz ou infelizmente, quem faz a poesia não são os críticos mas os poetas. “When poets go, grammarians arrive”. Não seria justo generalizar, mas o referencial teórico do materialismo dialético, a meu ver desentendido por grande parte da nossa crítica literária, fez mais mal do que bem a ela. Oswald de Andrade, que se utilizou, de maneira criativa e crítica desse referencial na elaboração da sua teoria da Antropofagia, não tinha dúvidas quanto a isso. Chamava de “os homens da sociografia” e de “chatoboyes” a esse tipo de intérpretes. Mesmo Antonio Candido, o maior deles, fino escritor e agudo analista da nossa literatura, mostrou-se incapaz de acompanhar as transformações da poesia brasileira além de João Cabral. Apesar de ser amigo pessoal de Oswald e de ter reformulado, depois, a sua posição sobre a obra dele, não a compreendeu totalmente em seu tempo. E excluiu de sua *Formação* o Brasil barroco-antropofágico de Gregório de Matos, quando Oswald já o prevenira, em 1943 (v. *Ponta de Lança*): “Uma informação que tenho a dar à juvenilidade do crítico que me ataca é a seguinte: Gôngora foi reabilitado.” A meu ver, defeitos de formação sociológica ou “deformação sociológica”, que avultam quando se trata de poesia. Radicalizando-os a partir de clichês stalinistas, seus discípulos imediatos mostraram-se totalmente hostis às poéticas de vanguarda. Depois do Muro de Berlim, perderam espaço, mas ainda há pedaços de muro espalhados pelos jornais e universidades, onde não perdem a esperança de juntar os velhos cacos, “disjecta membra”...

Magma. Existe no Brasil um espaço público em que diferentes posicionamentos possam ser confrontados? Espaço de diálogo e discussão que considere a possibilidade do dissenso, sem que isso tenha efeitos diretos nas relações pessoais dos envolvidos?

Augusto de Campos. Claro que existe. Mas ninguém é de ferro. Os poetas concretos foram maltratados e enxovalhados desde que surgiram, há meio-século, e o são até hoje. O arco desses ataques pode ser medido pelas reações de Ledo Ivo e José Lins do Rego. O primeiro proclamava que precisávamos de um curso de alfabetização. O segundo que necessitávamos era de um "banho de burrice". Não parou aí. Fiquei com alguma fama de polemista, mas nunca o fui. Detesto violência e briga barata, mas, às vezes, se me insultavam, respondia no mesmo tom quando era mais jovem. Hoje, à beira dos 80, sou indiferente. "Mau mas meu", como escreveu Raul Pompeia, ou como recauchutou Oswald, "Mau mas eu".

Magma. Parte significativa da sociologia e crítica literária brasileira tem formulado um diagnóstico extremamente negativo – quando não niilista – das condições socioeconômicas contemporâneas do nosso país. Você poderia compartilhar conosco sua opinião sobre tais aspectos? Você acredita que há alguma vantagem em olhar para a cultura e para a política desde a teoria literária?

Augusto de Campos. Não me considero habilitado para dar uma resposta de poucas palavras sobre a primeira parte da pergunta. Mas não acredito que haja uma resposta inteiramente satisfatória. Bem ou mal, houve avanços tanto sociais quanto econômicos no Brasil. É claro que a gente desanima quando vê a corrupção impune da maioria dos nossos políticos, ou quando o Supremo Tribunal Federal, com filigranas jurídicas, se nega a prestigiar a punição dos torturadores do regime autoritário e a abertura dos arquivos da ditadura militar. Perdemos, nesse passo, para a Argentina e para o Chile. E estamos atrasadíssimos na reforma agrária. Mas também elegemos um operário para presidente, e temos – senão o melhor elenco de jogadores na seleção anticraque do Dunga – o melhor time de candidatos à presidência da República que já apareceu, com duas candidatas mulheres. A ascensão da mulher a postos de alta envergadura político-econômica e cultural é um fato novo e muito significativo. O imposto progressivo já era postulado pelo Manifesto Comunista. A classe média já paga até mais um terço do que ganha em impostos para que o Governo (ao menos teoricamente) redistribua em benefício dos menos favorecidos. Só falta conseguirem fiscalizar melhor as grandes empresas sonegadas e puni-las. Respondo à segunda pergunta. A teoria literária não pode deixar de levar em conta contextos políticos e até biográficos, mas a sua submissão ao formulário sociológico quase sempre lhe é prejudicial, porque tende a igualar a literatura boa e a ruim no mesmo patamar e a julgar não a obra mas o autor. Do ponto de vista sociológico, pelo menos o da maioria do nosso sociologismo crítico, uma obra menor ou insignificante pode parecer mais valiosa do que uma grande obra. "Porque fala do seu tempo", etc. etc. Do Realismo Socialista ao Reality Show... (rssss)

Magma. Dialogando com as questões que fizemos acima, gostaria que você comentasse um pouco sobre o lugar da sociologia em sua trajetória. Além disso, se possível, conte-nos sobre suas atuais reflexões teóricas, se sua formação formalista passou por algum tipo de revisão e se há algum teórico significativo, a seu ver, na contemporaneidade.

Augusto de Campos. Repito com Fernando Pessoa, o maior poeta de língua portuguesa, e um dos maiores poetas universais: “O artista não tem que se importar com o fim social da arte, ou antes, com o papel da arte dentro da vida social. Preocupação essa que compete ao sociólogo e não ao artista. O artista tem que fazer arte.” Não quer dizer que não possa ser afetado pelo contexto social. A poesia concreta deu um significativo “salto participante” na década de 1960. A expressão “formação formalista” é um resíduo do jargão stalinojdanovista, que, na mesma linha do nazismo, tinha como “formalista” toda a arte moderna, chamada pelos primeiros de “decadente” e pelos nazistas de “degenerada”. Não tenho “formação formalista” (o que já é uma redundância). Um pianista leva anos e anos e horas e horas de estudo para poder apresentar-se ao público e eventualmente, se tiver um talento excepcional, ser um Gershwin ou um Glenn Gould. Sou um poeta e tenho que conhecer a tecnologia poética. Se isso é ser formalista, então sou formalista, só não sou “formol-ista”. Não me considero teórico – tanto Décio Pignatari como Haroldo de Campos sempre o foram mais do que eu. Interesse-me mais pelas ideologias não acadêmicas. Tenho relido muito Oswald, que considero o único filósofo brasileiro, no sentido de alguém que criou uma teoria própria. A sua Antropofagia, hoje muito degradada e banalizada, é um modo inteligente e original de compreender o mundo e a sociedade moderna. Peirce e Jakobson foram fundamentais. Outros pensadores não ortodoxos que me têm interessado sempre são McLuhan, John Cage e Timothy Leary (seus estudos sobre o futuro da comunicação digital, em *Caos e Cibernética*). Um ou outro, de linha sociológica, me tem interessado, como Benjamin e Adorno (embora abomine o preconceito deste contra o jazz...). Os poetas-críticos – Mallarmé, Valéry, Pound, Eliot, Pessoa, Borges – mais do que os críticos-poetas. Os primeiros podem fazer boa crítica. Os segundos não sabem fazer poesia. Alguns conseguem compreendê-la e iluminá-la.

Magma. O grupo concretista foi responsável por uma série de “re-visões” do cânone brasileiro, ao buscar autores esquecidos ou suprimidos das historiografias de nossa literatura. Qual a importância dessa prática de reelaboração dos precursores para o projeto concretista? Ou ainda, para qualquer prática artística? Vendo em retrospecto, em que medida essa tentativa foi bem sucedida? Afinal, as obras de Sousândrade, de Kilkerry ou de Patrícia Galvão ainda são dificilmente encontradas fora dos livros organizados pelos senhores...

Augusto de Campos. A “re-visão” que fizemos da literatura brasileira do passado foi mais do que necessária para uma conscientização de alguns dos nossos maiores escritores, relegados à marginalidade, por uma visão pequena e convencional, que dominava a cena. Basta dizer que os modernistas (e principalmente Oswald) eram muito pouco estudados nas universidades nos anos 50. A obra de

Sousândrade tem sido alvo de novos estudos, vários deles acessíveis pela internet. A importância do poeta maranhense acabou sendo reconhecida até por acadêmicos como Alfredo Bosi e Massaud Moysés. Tiveram que acolhê-lo, mesmo depois de ter sido relegado a uma notúncula ambígua na *Formação da Literatura Brasileira*. Seu poema épico transcontinental, *O Guesa*, e em particular o seu originalíssimo “Inferno de Wall Street”, seriam um prato cheio para a crítica sociologizante, se a inveja e a má-fé não levassem muitos professores universitários a sonegá-lo, por décadas, dos seus currículos. Vários trechos do “Inferno”, traduzidos por um antigo aluno meu, vêm de ser incluídos no terceiro volume da significativa antologia internacional *Poems For the millenium (Romantic and Post-Romantic Poetry)*, organizada por Jerome Rothenberg, e editada pela Universidade da Califórnia, no ano passado. E a edição original de *O Guesa* acaba de ser republicada pela editora Annablume (selo Demônio Negro). A *ReVisão de Sousândrade* teve a sua terceira edição, revista e ampliada, publicada da Editora Perspectiva. Patrícia Galvão não existia antes do meu livro *Pagu-Vida-Obra* (três edições, a quarta em vista). A ela se preparam grandes homenagens neste ano do centenário do seu nascimento. Kilkerry (a *Re-Visão* teve duas edições), hoje mais citado do que a maioria dos nossos poetas simbolistas, era ignorado. Adriana Calcanhoto gravou o seu poema “O Verme e a Estrela” com música de Cid Campos. O que mais vocês querem? “É preciso estar atento e forte” para não se deixar engazopar pela boataria residual dos cacôs do Muro...

Magma. Em que medida foi necessário dividir o projeto concretista em uma parte crítica, e mesmo “acadêmica”, e um projeto poético, para além das portas institucionais? Penso, por exemplo, no debate em torno do poema “Pós-tudo”, que resultou numa série de artigos seus e de Roberto Schwarz, ou mesmo de Haroldo de Campos com relação ao “sequestro do barroco”: em que medida é possível responder uma crítica poeticamente ou uma poética criticamente?

Augusto de Campos. Foi preciso, sim, desdobrar o projeto concretista em uma parte crítica. Mais do que tudo, pela ignorância geral. Ninguém, aqui, tinha ideia precisa dos artistas marginalizados com os quais montamos um projeto de reformulação do cânone literário. *O Lance de Dados* de Mallarmé era considerado um fracasso até nos meios literários do próprio país. Mal conhecidos ou desconhecidos eram Pound, Cummings, Gertrude Stein. Maiakóvski era copiado de traduções espanholas sem qualidade artística. Etc. Etc. O mesmo acontecia com as novas transformações das artes visuais e da música, que Mário Pedrosa e Koellreuter, com dificuldade, tentavam introduzir entre nós. Teoria da Comunicação e Semiótica não existiam. Quanto ao “Pós-tudo”, publiquei-o despreziosamente no caderno Folhetim da Folha de S. Paulo em 1985. Para minha surpresa o pequeno poema foi, a seguir, vítima de um crítico que nunca estudara a minha poesia, em parte ou em todo, tinha notória antipatia pelo concretismo e recheou o seu grosso texto de adjetivos desmoralizantes. Respondi com ironia. Não poderia levar a sério alguém que, com insólita displicência acadêmica, isolava uma produção minha, sem contextualizá-la no meu trabalho, já àquela altura de mais

de 30 anos, com o intuito claro de depreciá-lo e de atacar a poesia concreta. Com que cara fica hoje um crítico que a qualifica de “delírio de grandeza” e “bobagem provinciana”, diante da repercussão nacional e internacional do movimento? Quem deu o tom da polêmica foi o meu antagonista, conhecido pela arrogância e pelo dogmatismo. Tenho suficiente “fair play” para aceitar críticas, concorde ou não com elas, mas não sou obrigado a tolerar grosserias. Gosto da “conversa entre homens inteligentes” de que fala Pound. Mas na base do arranca-toco não tem conversa. A melhor crítica que o poema recebeu é o rap de um jovem poeta baiano. Está no YouTube: “interpretação livre de james martins e ilu(diamante)MiNA! em ensaio aberto p/ estudantes de letras e amigos” <<http://www.youtube.com/watch?v=7mamaqZUaZQ>>. Esse entendeu o poema. Um exemplo do que chamo de “conversa inteligente” é precisamente o ensaio de Haroldo de Campos, em que discute, com veemência, mas com respeito e elegância, o modelo crítico da “Formação da Literatura” de Antonio Candido, contraditando a exclusão de Gregório de Matos e do Barroco da nossa produção literária. Assinalo que eu nunca pertenci ao mundo acadêmico. Só lecionei uma vez na vida como professor visitante em cursos de graduação e pós-graduação em língua e literatura brasileiras, na Universidade do Texas, em Austin, 1971. Meus cursos começavam com o Barroco e terminavam com o Tropicalismo. Pedi um toca-discos e iniciei minha primeira aula com a audição do “Triste Bahia” de Gregório de Matos e Caetano Veloso. Robert E. Brown, um aluno do pós, traduziu com a minha assistência mais de uma centena de estrofes do “Inferno de Wall Street” de Sousândrade. Me senti realizado. Já Haroldo e Décio Pignatari assumiram, no meio do nosso percurso literário, a docência universitária, mas o fizeram sempre antiacademicamente, e a contrapelo dos grupos dominantes. Basta lembrar que Décio não ingressou na USP como professor de literatura, mas nos quadros da arquitetura...

Magma. Outra parte essencial do projeto concretista consiste em suas traduções, numa busca por atualizar o acesso de novas poéticas e inovações literárias, sem deixar de inscrever a especificidade de nosso cenário, de nossa linguagem, por meio das chamadas “transcrições”, dos atos de “reimaginação”, etc. No entanto, gostaria de saber em que medida o movimento contrário foi ou é possível? Em que medida o mundo precisa ser atualizado com relação à produção brasileira? Se possível, gostaria que comentasse as traduções feitas dos poemas concretos (e mesmo não concretos) no exterior...

Augusto de Campos. A tradução como transcrição ou tradução-arte é um exército crítico e poético. A tradução literal – seu oposto – pode ser útil, quando visa a informar sobre o sentido exato do texto original. Exemplo: as traduções que integram as “edições críticas” dos trovadores provençais dos séculos XII e XIII, como as de Lavaud, Toja, Riquier. Não é útil, porém, quando finge ser uma tradução artística, não o sendo. Aí vira uma espécie de contrafação. A maioria dos tradutores de poesia não tem consciência da sua falta de competência artística, e frequentemente publica versos de má fatura, que desensinam o leitor. Quanto à produção brasileira, o mundo perde muito, realmente, com o grande desconheci-

mento dela. João Cabral é um poeta que não tem rivais na sua geração, em dimensão universal. Tanto ele quanto Drummond são, por exemplo, melhores poetas que um Octavio Paz, que, no entanto, do ponto de vista da versatilidade cultural, lhes é superior. Oswald está presente, pelo menos com os seus manifestos Pau-Brasil e Antropófago, já bem divulgados em várias línguas. Mas poesia é difícil de traduzir. E o isolamento do nosso idioma nos desajuda muito. A poesia concreta brasileira conseguiu vencer essa barreira, devido à sua novidade e à sua natureza minimalista e visual. Durante muito tempo sofreu, porém, ela própria, com o problema da língua, já que para a poesia concreta brasileira o significado e não apenas a forma do poema é muito importante. As numerosas antologias internacionais de poesia concreta costumavam repetir sempre os mesmos poemas. Só mais recentemente as traduções de nossa poesia foram expandidas, muitas vezes com a colaboração dos autores para a recriação dos poemas em outros idiomas, o que não é nada fácil. Caso das *Galáxias* de Haroldo de Campos e das minhas antologias – a francesa, a cargo de Jacques Donguy, e a castelhana, de Gonzalo Aguilar. Nessas antologias, como em várias outras publicações no exterior, “Post-tout”, “Post-todo”, “Post-all”...

Magma. Em entrevista à Folha de S. Paulo (jan.2008), Boris Schnaiderman afirma que “tinha uma certa desconfiança em relação ao concretismo quando apareceu”, e continua: “Eu tinha uma formação muito tradicional”. Houve uma aproximação entre o senhor, seu irmão e Boris, através da obra de Maiakóvski. Pode-se considerar que, hoje, as barreiras do muito tradicional estão ultrapassadas, definitivamente?

Augusto de Campos. Boris é um grande intelectual. São mútuos o respeito e a admiração. Mas nunca lhe foi exigida declaração de amor ou fidelidade à poesia concreta. O trabalho que encetamos com ele, nosso professor de russo nos anos 1960, foi feito espontânea e incondicionalmente, como um projeto comum de resgate da poesia russa moderna, a partir da obra de Maiakóvski, e com grande entusiasmo de todos. Trabalhamos como um laboratório de tradução. Boris nos fornecia a logística, as informações sobre o significado exato das palavras, a compreensão da sua sonoridade, além de muitos dados a que só ele tinha acesso pelo seu domínio do idioma e da bibliografia russa; Haroldo e eu, independentemente um do outro, fazíamos a tradução poética e a discutíamos com Boris, depois de elaborada, justificando nossas soluções estéticas em relação à semântica original de cada poema. Quem, como Boris, se ocupou pioneiramente do estudo e divulgação de poetas como Khlébnikov e Khrutchônikh, expoentes da linguagem “zaum” ou transmental da vanguarda russa, não há de ter mais qualquer dificuldade com as poéticas de vanguarda. No mais, se ainda há entre nós muito preconceito em relação à poesia concreta, há também muito maior compreensão. Novas linguagens requerem sempre um tempo maior para serem assimiladas.

Magma. Você definiu sua experiência com a poesia concreta como “um dos formantes básicos da linguagem poética de agora” (Folha de S.Paulo 8/12/96). Os poetas de hoje carregam traços desse formante da linguagem poética? Ou, como

afirmou Silviano Santiago: “A poesia brasileira após o movimento (concretista) é exatamente a rejeição dele”.

Augusto de Campos. Não há dúvida que Silviano está completamente equivocado. Bastaria citar o caso de Arnaldo Antunes para desmenti-lo. Mas a crítica brasileira da velha-guarda continua, em geral, muito mal informada. Poucos deles usam o computador mais do que como máquina de escrever. A proposta da poesia concreta repercute hoje com muita força nas poéticas digitais e interdisciplinares que antecipou com o projeto “verbivocovisual”. Que ela abriu novos caminhos para a poesia é também indubitável. Poucos poetas das novas gerações deixam hoje de reconhecê-lo, o que não quer dizer que precisem fazer “poesia concreta” para terem valor. A ignorância dos novos instrumentos trazidos pela engenharia digital, assim como a escassa noção da interdisciplinaridade das artes, num universo comunicacional em que a escrita dialoga, materialmente, com a imagem e o som, constitui um dos maiores entraves para que a crítica possa compreender a poesia do seu tempo.

Magma. Ao menos duas características podem ser identificadas em movimentos tão distintos entre si quanto o Romantismo, o Modernismo e o Concretismo, a saber, ser a poesia a força-motriz de tais movimentos (que, embora literários, antes de tudo, estimularam mudanças em diferentes âmbitos da produção artística brasileira) e ter um projeto de Brasil em seu cerne. Hoje, no entanto, o alcance da poesia é cada vez menor – cada vez menor, sobretudo, nas universidades; e a descrença em projetos, a aceitação de que é isso mesmo, o país não tem remédio, colocou-os à sombra. Como o senhor avalia essa mudança de perspectiva?

Augusto de Campos. Não sou tão pessimista. Não sei como está a situação nas universidades. Mas tenho tomado conhecimento de vários estudos, dissertações e teses sobre a poesia brasileira de vanguarda. Por outro lado, a internet abriu as portas aos poetas, cada vez mais raros nos jornais, e as novas tecnologias baratearam e viabilizaram as edições de poesia. Você pode, e poderá cada vez mais, fazer uma edição digital, doméstica, com tiragem pequena, mas expansiva e de baixo custo. O *Panorama do Finnegans Wake* está em 4ª edição. O nosso *Mallarmé*, idem. E estou preparando uma nova e mais completa (a 4ª) edição dos *Poem(a)s* de E. E. Cummings, a sair pela Editora da Unicamp. Apesar de os jornais e revistas culturais de grande circulação, pressionados pela concorrência com as novas mídias, se terem tornado cada vez mais veículos de arte de consumo e de entretenimentos – cinema, moda, culinária, música “populística”, etc., a luta continua. “Mesmo do lado de fora”, a poesia resiste. E, como digo no meu último poema publicado na revista *Poiesis*, recém-lançada na Casa das Rosas, e no portal *Errática*, parodiando Mallarmé: “tudo existe pra acabar em YouTube”. No meio da marmelada geral, Mallarmé está lá, até em polonês, entre outras preciosidades “cinemanêmicas”, para quem quiser dentre os seus dois bilhões de videoleitores...